



## DESAFIOS QUE SE LEVANTAM AO SACRAMENTO DO MATRIMÓNIO

7/09/2015

Partimos de algumas perguntas:

Que opções deve a pastoral matrimonial e familiar contemplar? Que linhas de pastoral deve implementar? Que teologia deve sustentar essas opções e linhas pastorais? Que relação deve existir entre Matrimónio e Família, tanto na praxis pastoral como na reflexão teológica? Não vivemos num tempo em que parece existir uma fractura preocupante entre Matrimónio e Família?...

Pede-se-nos “conversão pastoral e missionária”: eis um campo importantíssimo para a humanidade e para a Igreja para que essa conversão aconteça.

### Opções pastorais

Por «opção pastoral» entendo o seguinte: entre a enorme variedade de desafios e de questões que o tema do matrimónio e da família nos levantam, temos de encontrar um caminho de acção transformadora; não bastam simplesmente as teorias, temos de as transformar em práticas; temos de descobrir a viabilidade da proposta teológica. Mas não podemos responder a todos os desafios ao mesmo tempo. Temos de estabelecer prioridades. Por isso, falamos de “opções pastorais”, ou seja, decisões a assumir com prioridade.

- Opção por uma *compreensão do sacramento do matrimónio* que inclua e não exclua. É importante descobrir a “transversalidade sacramental” da realidade do matrimónio em todas as suas formas e valorizar verdadeiramente as formas que esta sacramentalidade assume, ainda que não consigam realizar plenamente o projecto.
- Opção por um matrimónio vivido como um *processo*, cujas primeiras etapas devem ser um autêntico processo de iniciação antropológica e cristã; as etapas seguintes devem acompanhar todos os acontecimentos vividos no casal e na família. Deste modo, a pastoral matrimonial e familiar abarcará toda a existência do ser humano.
- Opção por um *matrimónio cristão de qualidade “evangélica”* vivido como uma autêntica consagração permanente e uma verdadeira espiritualidade. A espiritualidade do matrimónio e da Igreja doméstica, como autêntica espiritualidade cristã, apresenta-se como o grande horizonte em que há que inscrever a pastoral matrimonial e familiar.
- Opção por um matrimónio cristão *que descobre o seu carisma próprio e o põe ao serviço da missão da Igreja e da sociedade*. Cada “Igreja doméstica” tem o seu carisma e o seu dom, que deverá descobrir e tornar válido na irradiação missionária da Igreja. Isto supõe, por um lado, reconhecimento e autonomia das Igrejas domésticas, mas, por outro, a consciência de uma grande missão que é partilhada por todos.

Mas não basta optar por princípios orientadores; é necessário que esses princípios sustentem uma praxis que cure e acompanhe. A praxis da Igreja relativamente ao matrimónio e à família deve responder aos desafios seguintes, que a caracterizam:

- *O desafio da inconsistência das relações e as rupturas fáceis*. Isto exige uma linha de acção pedagógica por parte da Igreja: como «mestra» na arte de amar e de fomentar a comunhão, como perita na «evangelização do amor», particularmente através de tantos casais que souberam ultrapassar as suas dificuldades e se tornam autênticos «mestres na arte do amor concreto». É necessário cuidar de forma muito especial de todos os casos que poderiam acabar em ruptura, oferecendo-lhes um bom processo de iniciação ao matrimónio.

- *O desafio de uma etapa juvenil excessivamente prolongada*, de experiência, de procura de estabilidade económica antes de assumir compromissos, de namoros, de turbulências afectivas, que só tardiamente se tornam estáveis. Como linhas de acção, há várias possibilidades: uma poderia ser antecipar a celebração sacramental do casamento, nos casos em que se verifique maturidade suficiente da fé e da capacidade de decisão, e celebrar mais tarde, quando for oportuno, o casamento «social» ou civil» (exactamente ao contrário da prática habitual); em outros casos, será conveniente acompanhar pastoralmente também as uniões civis, até que o discernimento do casal e dos seus acompanhantes leve à união sacramental.
- *O desafio de uma fecundidade biológica mínima*, que priva o casal de uma das suas principais fontes de inspiração e da sua riqueza interior. A pastoral da infância deveria convergir na pastoral familiar. Desta forma, as instituições eclesiais que se dedicam aos mais pequenos deveriam ter maior relevância e representatividade eclesial para acolher as crianças, para criar instituições de acolhimento que pudessem favorecer a adopção e, eventualmente, para ajudar até economicamente o sustento das famílias mais desfavorecidas.
- *O desafio das diferentes formas de entender e desenvolver a sexualidade, em muitos casos à margem do casamento*. Esta circunstância deveria levar a reconhecer e valorizar, acima de tudo, a relação afectiva, o amor interpessoal. Porque aos seres humanos que vivem essa relação afectiva, que nasce do mistério de cada pessoa, é preciso anunciar a boa notícia do Evangelho, bem como as advertências do Evangelho contra a sua possível deterioração e perversão... Mas é preciso fazê-lo num espírito de compreensão, de misericórdia e de compaixão, tendo em vista a inclusão e não a exclusão. A proclamação da verdade a partilhar deve respeitar sempre a consciência de cada pessoa. A afectividade é uma força espiritual de aproximação, e na atracção manifesta-se sobretudo a sede de amor, e não só nem exclusivamente a sede de sexo... O amor tende a estabelecer relações afectivas fortes, sólidas, duradouras e íntimas. A Igreja, respeitando sempre a consciência individual, pode expressar a sua hospitalidade e “inclusividade” acolhendo todos os seres humanos que vivem as suas relações afectivas e amorosas, procurado esclarecê-las e purificá-las através da sua experiência evangélica. Para essas pessoas, quer ser referência de sabedoria espiritual, que testemunharão as pessoas que vivem a sua vocação conjugal... Com paciência e misericórdia, conseguir-se-á equilibrar o que, por vezes, se apresenta como alarmante.
- *Não se pode falar de casamentos perfeitos e imperfeitos, de casamentos santos e profanos*. Não ao perfeccionismo que discrimina milhões e milhões de casais! Certamente, há que distinguir entre quem vive a sua vocação matrimonial como apelo de Deus e os que a vivem a partir de outros pressupostos. Se Jesus se empenhou em fazer Deus presente no «anti-deus» — isto é, onde nunca ninguém tinha ousado reconhecê-lo como presente: na dor, na doença, naqueles que eram considerados pecadores e na morte —, a Igreja Mãe tem de redescobrir, seguindo as pisadas do Mestre, a ecologia dos diferentes, a sua interacção mútua. Só a partir deste reconhecimento se poderá convidar a fazer um caminho rumo ao «mais longe» da vocação conjugal cristã.
- *O desafio dos casais cristãos divorciados* e dos quais um ou ambos contraíram casamento civil com outra pessoa: a Igreja vai amadurecendo o seu pensamento e a sua actuação na medida em que compreende melhor o sentido da indissolubilidade e valoriza o casamento (como dissemos no ponto anterior) para além da celebração sacramental cristã. A Igreja misericordiosa sabe que há erros de vocação que se descobrem mais tarde, e mostra-se compreensiva para com aqueles que contraíram matrimónio sem verdadeira liberdade e conhecimento. Também para estes há que procurar respostas que não procurem simplificar a situação nem num sentido nem no outro. Talvez o grande problema seja tratar todos os casos da mesma maneira... O facto de se compreender melhor a estrutura jurídica da Igreja na sua relação com o ordenamento jurídico dos Estados dará, no futuro, novas chaves que nos façam sair do «impasse» em que nos encontramos e que seguramente serão sabiamente abordadas no próximo Sínodo sobre a Família.
- *O desafio de uma ritualidade celebrativa desvalorizada*. E a sacramentalidade do casamento? Em que consiste a sacramentalidade cristã? Os sacramentos nunca são meios para nos sentirmos «superiores»,

«melhores», «mais perfeitos». Os sacramentos não são condecorações. Os sacramentos exprimem, isso sim, o que Deus faz por nós e não apenas o que nós fazemos por Deus. Ou melhor, os sacramentos exprimem o que acontece quando Deus e o ser humano «entram numa única aliança». Não falamos do matrimónio cristão como de uma forma única, privilegiada, superior de casamento, mas do que acontece no casamento quando se dá o acontecimento da aliança. O matrimónio é aliança que dá lugar ao acontecimento da aliança. O rito do matrimónio expressa o tipo de casamento que se assume. Situa a decisão do casal dentro de um contexto social e normativo. Em princípio, o rito não se repete: porque quer ser rito de fidelidade «para sempre», «até que a morte nos separe». A repetição do rito faria pensar em matrimónios sucessivos, com protagonistas diferentes. As sociedades modernas não impedem que o rito seja repetível, porque compreendem a debilidade dos afectos e das alianças afectivas. A Igreja, por sua vez, não se crê autorizada a repetir o rito, porque afirma com Jesus que «não separe o homem o que Deus uniu».

A ritualidade é súplica dirigida ao divino, é hospitalidade social, ânimo, acção. Mas a ritualidade é também a voz da sociedade, o gesto da comunidade, que acolhe o casal no ideal de casamento que o habita. A renúncia ao rito, ou a desvalorização do rito, corresponde ao desejo de uma ritualidade diferente, de uma sociedade diferente, de uma Igreja diferente. Talvez, por vezes, a renúncia ao rito implique uma atitude individualista, uma presença social sem qualquer missão dual, sem compromisso. A renúncia à ritualidade do matrimónio supõe um desejo de emancipação relativamente às tradições, à linguagem do passado. Para uma nova ritualidade do matrimónio? A ritualidade que acompanha o casal em cada momento, em cada etapa emotiva, em cada nova crise, mudança ou transformação: início, casal, maternidade-paternidade, ninho vazio-casal, vivuvez. Tudo tem de ser abarcado e incluído na ritualidade. Uma ritualidade para seres iguais, para seres livres, para apaixonados, para seres em evolução. Alianças sócio-afectivas? A Igreja procura descobrir formas que respeitem a dignidade das pessoas, mas sem sobrevalorizar realidades em que o mistério do casamento não se desenvolva em plenitude.

- *O desafio dos papéis homem-mulher:* é muito importante sublinhar o novo modelo de relação entre os sexos masculino e feminino que se está a generalizar no nosso tempo. O modelo patriarcal entrou em profunda crise que se está a estender por todo o mundo, embora os regimes autoritários lhe resistam. Face a este movimento imparável, as mulheres têm cada vez mais consciência dos seus direitos e dos seus deveres e afirmam com maior convicção a sua própria identidade. Por sua vez, os homens sentem que também eles têm de redefinir a sua identidade e o seu lugar nas relações humanas. Este ajustamento é difícil e complexo, depois de tantos anos e séculos de desequilíbrio entre os sexos; além disso, a sexualidade humana vê-se profundamente questionada e transformada. Efeitos desta globalização são as alterações nas leis, uma nova distribuição de tarefas e o aparecimento de novos símbolos entre homens e mulheres. Provavelmente, isto desafia a Igreja a rever, à luz do Evangelho, o seu próprio modelo de relação e de participação do homem e da mulher na própria vida eclesial, bem como o seu papel na aliança matrimonial e nas relações familiares.
- Além disso, *a nova realidade familiar (ausência de um progenitor ou o trabalho de ambos os progenitores para sustentar a família e a falta de catequese familiar) tem como consequência uma descontinuidade da transmissão tradicional da fé, baseada na vivência religiosa da família.* Perante esta realidade crescente, a Nova Evangelização terá de passar da ideia de fé herdada de pais para filhos para um processo que vise interessar, formar e converter adultos, num ambiente em que há muitos concorrentes. Neste momento histórico, a Igreja reconhece que só a família nuclear responde verdadeiramente ao plano salvífico de Deus e interroga-se sobre o que pode fazer, como mãe e mestra, face a numerosos grupos familiares em situação difícil ou irregular, para que constituam espaços de educação humana e de formação na fé.



Equipes Notre-Dame

**IIIème Rencontre Internationale des Responsables Régionaux**  
**Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015**

Chegados a este ponto, talvez seja o momento de perguntar: que papel cabe às ENS na tarefa da Nova Evangelização para responder aos desafios lançados ao sacramento do matrimónio? Proponho aqui um modesto roteiro:

- As ENS, «testemunhas de comunhão e de coresponsabilidade»: a comunhão primeira é a que se instaura e se desenvolve entre os cônjuges em virtude do sacramento do amor conjugal. Essa comunhão conjugal tem as suas raízes no complemento natural que existe entre o homem e a mulher e alimenta-se com a vontade de partilhar todo o seu projecto de vida, o que têm e o que são. Além disso, para as Equipas, a coresponsabilidade tem um nome: «colegialidade». Este termo recorda-nos que a nossa pertença ao Movimento evangeliza não tanto com o «que» mas com o «como», e este como é «juntos», tocando todos, cada um no seu tom, uma única «melodia».
- As ENS «aprendizas e testemunhas da ternura de Deus»: Essa comunhão, se é verdadeira, estende-se: a experiência conjugal transforma-se em «laboratório de ternura e de comunhão», ternura e comunhão que se estendem a outras pessoas e a outros casais, em especial aos mais necessitados; criando formas de acompanhar especialmente as novas pobreza que surgem no âmbito da família.
- As ENS, «em comunhão de amor com Cristo»: em Cristo, a partir da comunhão profunda com Ele — cultivada e celebrada no casal, através da oração conjugal —, a exigência humana é assumida, purificada e elevada à perfeição com o sacramento do matrimónio: o Espírito Santo infunde uma comunhão nova de amor que ilumina o dia-a-dia e liberta-o do peso da rotina; transforma-se assim em anúncio de possibilidade de um amor que encarna na realidade e a recria.

Caros amigos das Equipas, o Evangelho de Jesus Cristo impele-nos; acolhendo a nossa vocação profética, somos chamados a reconhecer e a recolher as pequenas sementes e luzes do Reino que estão a ser semeadas à nossa volta, em nós; empunhando-as como sinal de esperança, podemos ser verdadeiros «faróis» que iluminem a escuridão do oceano da vida.

É TARDE, MAS É A NOSSA HORA,  
É TARDE, MAS É TODO O TEMPO QUE TEMOS  
PARA FAZER O FUTURO...  
É TARDE, MAS SERÁ MADRUGADA SE INSISTIRMOS UM POUCO...

*Fr. Miguel de la Mata*